

O MOVIMENTO MILERITA: Análise Crítica dos Prós, Contras e Seu Legado Duradouro

Heitor de Sá Rodrigues

Valtair Afonso Miranda

Resumo: O artigo examina detalhadamente o movimento milerita do século XIX, liderado por William Miller, e suas tentativas de prever a volta de Cristo. O texto contextualiza a relevância histórica e teológica das previsões escatológicas, começando com uma introdução que conecta eventos contemporâneos, como a declaração de Baby do Brasil sobre o apocalipse, às práticas históricas de previsões apocalípticas. O desenvolvimento aborda a evolução da escatologia desde os primeiros pais da igreja até Miller, destacando as diversas teorias milenaristas. Em seguida, explora a origem, desenvolvimento e impacto do movimento milerita, incluindo a análise das consequências do Grande Desapontamento de 1844, quando a previsão de Miller falhou. O artigo discute como os seguidores de Miller lidaram com essa desilusão, resultando na formação de novas denominações religiosas, como a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Conclui-se com uma reflexão crítica sobre os perigos do literalismo e do uso do senso comum na interpretação teológica, advertindo sobre as consequências sociais e pessoais das previsões escatológicas equivocadas. O estudo destaca a importância de abordagens teológicas rigorosas e bem fundamentadas, enfatizando a necessidade de honestidade intelectual no estudo da escatologia.

Palavras-chave: Movimento Milerita. William Miller. Escatologia Cristã. Previsões Apocalípticas. Grande Desapontamento. Milenarismo. Adventismo. Igreja Adventista do Sétimo Dia. Literalismo Bíblico. História do Cristianismo.

Abstract: *This article examines in detail the 19th-century Millerite movement, led by William Miller, and its attempts to predict the return of Christ. The text contextualizes the historical and theological relevance of eschatological predictions, beginning with an introduction that connects contemporary events, such as Baby do Brasil's declaration about the apocalypse, to historical practices of apocalyptic predictions. The development addresses the evolution of eschatology from the early Church Fathers to Miller, highlighting various millenarian theories. It then explores the origin, development, and impact of the Millerite movement, including an analysis of the consequences of the Great Disappointment of 1844, when Miller's prediction failed. The article discusses how Miller's followers coped with this disillusionment, resulting in the formation of new religious denominations, such as the Seventh-day Adventist Church. It concludes with a critical reflection on the dangers of literalism and the use of common sense in theological interpretation, warning about the social and personal consequences of misguided eschatological predictions. The study highlights the importance of rigorous and well-founded theological approaches, emphasizing the need for intellectual honesty in the study of eschatology.*

Keywords: *Millerite Movement, William Miller, Christian Eschatology, Apocalyptic Predictions, Great Disappointment, Millenarianism, Adventism, Seventh-day Adventist Church, Biblical Literalism, History of Christianity.*

Resumen: El artículo examina en detalle el movimiento milerita del siglo XIX, liderado por William Miller, y sus intentos de predecir la vuelta de Cristo. El texto contextualiza la relevancia histórica y teológica de las predicciones escatológicas, comenzando con una introducción que conecta eventos contemporáneos, como la declaración de Baby do Brasil sobre el apocalipsis, con prácticas históricas de predicciones apocalípticas. El desarrollo aborda la evolución de la escatología desde los primeros Padres de la Iglesia hasta Miller, destacando diversas teorías milenaristas. A continuación, explora el origen, desarrollo e impacto del movimiento milerita, incluyendo un análisis de las consecuencias del Gran Chasco de 1844, cuando la predicción de Miller fracasó. El artículo discute cómo los seguidores de Miller lidiaron con esta desilusión, resultando en la formación de nuevas denominaciones religiosas, como la Iglesia Adventista del Séptimo Día. Concluye con una reflexión crítica sobre los peligros del literalismo y del uso del sentido común en la interpretación teológica, advirtiendo sobre las consecuencias sociales y personales de las predicciones escatológicas equivocadas. El estudio destaca la importancia de enfoques teológicos rigurosos y bien fundamentados, enfatizando la necesidad de honestidad intelectual en el estudio de la escatología.

Palabras Clave: Movimiento Milerita, William Miller, Escatología Cristiana, Predicciones Apocalípticas, Gran Chasco, Milenarismo, Adventismo, Iglesia Adventista del Séptimo Día, Literalismo Bíblico, Historia del Cristianismo

1 INTRODUÇÃO

Durante o Carnaval de Salvador em 2024, um evento envolvendo Baby do Brasil e Ivete Sangalo ganhou ampla repercussão nas redes sociais, ilustrando as dificuldades e controvérsias associadas à tentativa de prever a volta de Cristo, um tema central no estudo do milerismo e de outras correntes escatológicas. Baby do Brasil, conhecida tanto por sua carreira musical quanto por seu fervor religioso, fez um pronunciamento público sobre a iminência do apocalipse, afirmando que o arrebatamento, conceito central na escatologia cristã, poderia ocorrer dentro de cinco a dez anos. Esta previsão ecoa práticas históricas de várias figuras religiosas que tentaram determinar a data exata do retorno de Cristo, frequentemente resultando em grande ansiedade e controvérsia dentro das comunidades religiosas.

Ivete Sangalo, uma das mais influentes cantoras brasileiras e símbolo do carnaval baiano, respondeu à proclamação de Baby com humor, afirmando que "não vai deixar acontecer, porque não tem apocalipse certo quando a gente maceta o apocalipse" (BABY DO BRASIL; SANGALO, 2024). Esta resposta, recebida com risos e aplausos do público, destaca como temas escatológicos podem ser reinterpretados em contextos culturais populares.

Baby do Brasil não foi a primeira, nem será a última. Miller (2010) demonstra como ao longo da história, várias figuras religiosas e místicas fizeram previsões sobre o retorno de Jesus Cristo, resultando em grande expectativa e consequentes decepções quando falharam. Clemente I, ancião da igreja de Roma e considerado o quarto papa, previu o retorno de Jesus em 90 d.C., afirmando que o mundo como conhecemos iria acabar. Hilário de Poitiers, bispo francês, anunciou em 365 d.C. que o Anticristo era o recém-morto imperador Joviano. Joaquim de Fiore, monge italiano e místico, afirmou em 1205 que o Anticristo já estava no mundo. Melchior Hofmann, pregador e místico alemão, declarou que a Nova Jerusalém seria em Strasbourg, França, e que ele chegaria lá em uma nuvem junto com Jesus em 1533, mas morreu em uma cela após uma revolta fracassada. William Miller, pregador batista, previu o retorno de Jesus em 1844, mas morreu humilhado e emocionalmente destruído quando a previsão falhou, embora alguns de seus seguidores ajudaram a fundar a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Hal Lindsey, autor de *Late Great Planet Earth*, previu que Jesus voltaria em 1988, uma geração após a fundação de Israel, mas a previsão falhou. Edgar Whisenant, engenheiro de foguetes da NASA, também previu 1988 e falhou. Jang Rim Lee, pastor da Coreia do Sul, previu 1992, arrecadou milhões em doações e foi preso por fraude. O Prêmio Nobel de QI em astrofísica e evangelista batista, Jack Van Impe, sugeriu 2012, coincidente com o fim do calendário Maia, e ajustou suas previsões ao longo dos anos. Essas previsões destacam a contínua tentativa de determinar a data do retorno de Cristo, muitas vezes resultando em desapontamento e controversas repercussões.

Como podemos perceber, a tentativa de prever a volta de Cristo tem sido uma prática recorrente em diversas tradições cristãs. O incidente no Carnaval de Salvador serve como um exemplo contemporâneo de como previsões apocalípticas continuam a ser relevantes e controversas. Também evidencia a necessidade de uma abordagem crítica e cautelosa ao tratar de previsões escatológicas, reconhecendo tanto o poder dessas declarações para influenciar crenças e comportamentos quanto os riscos associados à disseminação de previsões infundadas, particularmente no movimento milerista do século XIX, liderado por William Miller. Ele previu que o retorno de Cristo ocorreria em 1844, um evento que ficou conhecido como o Grande Desapontamento quando a previsão não se concretizou. Este episódio histórico sublinha os desafios e as consequências de tentar prever eventos escatológicos com precisão.

Estas tentativas de previsões nunca ocorrem do acaso. Normalmente motivadas por eventos históricos, passados ou contemporâneos, estão inseridas em contextos

religiosos e sociais. No caso da cantora Baby do Brasil, sua motivação pode ser oriunda das recentes guerras e desastres naturais, afinal são situações tratadas na literatura apocalíptica. Miller também elaborou sua tese a partir de expectativas de sua época, pois havia nos Estados Unidos no início do século XIX uma forte “expectativa milenar: uma sociedade influenciada pela paixão pelo milênio” advinda de grandes avanços políticos e tecnológicos, tornando-a empolgada com a religião e seus temas, com aumento de 5 ou 10% para cerca de 25% na população de membros de igreja entre os estadunidenses (Knight, 2016, loc. 185).

Todavia, independente de motivações, previsões escatológicas, por mais inocentes que pareçam, têm consequências sobre as pessoas, sobretudo as mais simples. Este estudo tem como objetivo analisar criticamente os prós e contras do movimento milerita e seu legado. A relevância do tema se destaca ao buscar entender o impacto histórico e teológico do milerismo e suas implicações contemporâneas. Adotando uma abordagem qualitativa, este estudo se baseia na análise documental e na revisão bibliográfica, utilizando fontes secundárias como artigos acadêmicos e livros sobre teologia adventista. A partir dessas fontes, será explorado não apenas o contexto histórico do milerismo, mas também suas persistentes influências e interpretações nos dias atuais, oferecendo uma perspectiva abrangente sobre as previsões apocalípticas e suas consequências. Para tanto, dividiremos este artigo em três seções: a primeira tratará brevemente do desenvolvimento da escatologia desde os pais da igreja até Miller, demonstrando exemplos de pensamentos escatológicos desde a gênese da igreja; em seguida abordaremos a origem e desenvolvimento do movimento milerita, apresentando seu principal influenciador e as circunstâncias em torno de sua previsão; por fim, discorreremos sucintamente sobre o grande desapontamento e suas consequências, atendo-nos apenas às principais.

2 DESENVOLVIMENTO DA ESCATOLOGIA DOS PAIS DA IGREJA ATÉ MILLER

A busca pelo conhecimento do que nos aguarda no futuro é uma forma de lidar com os sofrimentos e angústias do presente, por isso a importância do estudo da escatologia na busca por consolo para nossas provações, aumentando a esperança de um futuro glorioso, sem limitá-la apenas a conhecimento teórico e pressupostos teológicos, ou tratá-la como conjecturas e hipóteses humanas, preocupando-se com as

variações milenistas¹, como pré-milenismo histórico², pré-milenismo dispensacionalista³, pós-milenismo⁴ e amilenismo⁵. Antes disso, os estudos escatológicos devem servir à igreja para fortalecer a fé dos fiéis por meio de uma viva esperança (Lopes, 2011), pois, segundo Moltmann (2023, p. 29), “a fé une o ser humano a Cristo. Por isso, a esperança é a ‘companheira inseparável’ da fé”.

Nesse sentido, a escatologia pode ser dividida em escatologia individual e escatologia geral. A escatologia individual concentra seus estudos em temas correlatos aos seres humanos, como morte física, imortalidade da alma, estado intermediário e ressurreição do corpo. A escatologia geral envolve acontecimentos sobre o mundo, a história e a humanidade, que culminariam no fim dos tempos, como a segunda vinda de Cristo em glória, o juízo final e o estado final de todas as coisas. Tais conceitos nos fazem perceber a principal preocupação da escatologia voltada para a busca do sentido último das coisas em vez de respostas para as coisas relacionadas somente ao futuro, diferente do imaginário do senso comum. Trata, portanto, da preocupação com a “vida prática, isto é, agimos pensando no futuro, com a consciência de que devemos lutar por um mundo melhor, no qual o reino de Deus seja implantado, daí lermos na oração do

¹ “O milenismo diz respeito às questões que envolvem o reinado terreno de Cristo (o milênio) em sua relação com a segunda vinda” (CHIA; KATONGOLE, 2017, p. 292)

² Crença de que a igreja é a fase inicial do reino de Cristo, conforme profetizado no Antigo Testamento. Embora a igreja tenha vitórias, ela eventualmente falhará e se tornará corrupta enquanto a impiedade cresce. Isso culminará na “grande tribulação”. Após a tribulação, Cristo retornará para arrebatá-la igreja, ressuscitar os santos e julgar os justos. Ele descenderá à terra, vencerá na batalha de Armagedom, prenderá Satanás e estabelecerá um reino de mil anos em Jerusalém. No final do milênio, Satanás será solto e incitará uma rebelião, que será seguida pelo julgamento final de Deus e a ressurreição dos ímpios (Sproul, 2017).

³ Sistema teológico que interpreta as profecias bíblicas literalmente, ensinando que Deus tem planos separados de redenção para Israel e a Igreja. Acredita-se que Cristo ofereceu o reino de Davi aos judeus, mas devido à sua rejeição, o reino foi postergado. A “época da igreja” é vista como um intervalo entre o primeiro advento de Cristo e seu retorno. Antes da grande tribulação, Cristo arrebatará os santos, e depois estabelecerá um reino milenar em que o templo será reconstruído e os sacrifícios restaurados. Após um conflito final com Satanás, Cristo julgará os ímpios e iniciará a ordem eterna (Sproul, 2017).

⁴ Acredita que a segunda vinda de Cristo ocorrerá após o milênio. Alguns estudiosos conservadores acreditam que o evangelho gradualmente permeia o mundo e, ao final, introduzirá um período de grandes bênçãos espirituais, seguido de uma breve apostasia e um conflito final com o mal, culminando com o advento de Cristo, a ressurreição geral e o juízo final. No entanto, grande parte do pós-milenismo contemporâneo difere ao não acreditar que o milênio será resultado da pregação do evangelho e da obra do Espírito Santo, mas sim de um processo natural de evolução, impulsionado pela educação, reformas sociais e melhoramento das leis (Berkhof, 2012).

⁵ A posição que vê a era da igreja como o cumprimento do reino profetizado no Antigo Testamento, onde a igreja é o Israel de Deus. Satanás foi aprisionado durante o ministério de Jesus, permitindo a pregação do evangelho. Cristo reina nos corações dos crentes, e a igreja tem alguma influência cultural, mas não transforma a cultura. No fim, o mal aumentará, resultando na grande tribulação e no surgimento do anticristo. Cristo retornará para concluir a história, ressuscitar e julgar todos, estabelecendo a ordem eterna, onde os redimidos viverão no céu ou numa terra renovada (Sproul, 2017).

Pai Nosso: ‘venha o teu Reino’”, pois “o sentido dado ao futuro está relacionado ao sentido que damos ao presente” (Lopes, 2011, p. 52). Logo, a escatologia não deve se limitar a fomentar discussões teóricas sobre o futuro, mas também deve motivar a Igreja de Cristo a ser uma fonte cristã que se preocupa não apenas com o futuro ou com a compreensão da realidade do mundo, mas que seja capaz de transformar a sociedade conforme a vontade de Deus (Lopes, 2011).

Todavia, a preocupação excessiva em elaborar teorias escapistas, mesmo que bem intencionadas, levou as comunidades de fé em diversas culturas diferentes a conclusões enganosas, muitas vezes com consequências prejudiciais. Para entendermos como se desenvolveu a conclusão de Miller sobre o advento, faremos um breve resumo do desenvolvimento da escatologia dos pais da igreja até nosso objeto de estudo, porém, antes observemos a origem das elaborações patrísticas a partir da literatura judaica, para melhor compreensão deste ponto, recorremos a Laad (2003, p. 68):

A ideia de uma nova ordem redimida é descrita em termos diferentes na literatura mais recente do judaísmo. Algumas vezes o Reino de Deus é descrito em termos bem terrenos, como se a nova ordem significasse simplesmente o aperfeiçoamento da antiga ordem, outras vezes envolve uma transformação radical da antiga ordem de tal forma que a nova ordem é descrita em uma linguagem transcendental. Em alguns apocalipses posteriores, verifica-se primeiramente a existência de um reino temporal terreno, seguido por uma nova ordem transformada e eterna. Em algum ponto desse desenvolvimento histórico emergiu uma nova expressão – esta era e o século futuro. Não temos como estabelecer com precisão a história dessa expressão. A primeira evidência disponível encontra-se em 1 Enoque 71:15, em que há uma referência ao “mundo vindouro”, provavelmente representando o hebraico *'ôlām habbā'* – o século futuro. A expressão surge em sua plena extensão na literatura judaica somente no primeiro século d.C. nos livros 4 Esdras (= 2 Esd.) e Apocalipse de Baruque.

A partir desse pressuposto, Laad (2003) acrescenta que o pertencimento àquela era, ou seja, ao século vindouro, é uma bênção reservada ao povo de Deus. Esse período será inaugurado pela ressurreição dos mortos (Lc 20:35⁶) e será caracterizado pela ausência da morte. Aqueles que alcançarem esse tempo serão como os anjos, devido à sua imortalidade, e experimentarão plenamente o significado de serem filhos de Deus (Lc 20:34-36⁷). A vida da ressurreição é, portanto, a vida eterna – a vida do século vindouro

⁶ “mas os que são considerados dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento” (Almeida, 2017).

⁷ “Jesus respondeu: — Os filhos deste mundo casam e se dão em casamento, mas os que são considerados dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento. Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição” (Almeida, 2017).

e do Reino de Deus. Não apenas a ressurreição, mas também a *parousia*⁸ de Cristo, assinalará a transição da era presente para o século futuro (Mt 24:3⁹). O Filho do Homem virá com poder e grande glória, enviando seus anjos para reunir os eleitos dos quatro cantos da terra, para que ingressem no Reino de Deus (Mt 24:30-31¹⁰).

A separação entre ímpios e justos ocorrerá no momento da colheita, que é o juízo final. Nesse momento, tudo o que causa escândalo e todos os que praticam iniquidade serão excluídos do Reino de Deus e sofrerão o julgamento divino, enquanto "os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai" (Mt 13:42-43¹¹). A era presente, que se estende desde a criação até o Dia do Senhor, conforme descrito nos Evangelhos pela *parousia* de Cristo, ressurreição e julgamento, é caracterizada pela existência humana em fraqueza, mortalidade, maldade, pecado e morte. O século futuro representará a realização plena do Reino de Deus – uma era de ressurreição para a vida eterna no Reino de Deus. Nos Evangelhos, tudo indica que a vida no Reino de Deus no século futuro será uma vida terrena, mas transformada pelo domínio real de Deus, quando seu povo começará a desfrutar plenamente das bênçãos divinas (Mt 19:28¹²).

Assim, ao proclamar a vinda do Reino de Deus, Jesus baseou-se no pensamento hebraico-judaico, que via os seres humanos vivendo em uma condição dominada pelo pecado, maldade e morte, da qual necessitavam ser resgatados. Sua proclamação do Reino inclui a esperança, profundamente enraizada na mensagem dos profetas do Antigo Testamento, que antecipavam uma nova era onde todos os males da era presente seriam eliminados da existência humana e terrena por um ato expresso de Deus. Dessa forma, a vinda do Reino de Deus implica a extinção de todas as formas de mal e a inauguração de uma era de plenitude e bênção divinas para o povo de Deus.

⁸ “Essa palavra grega significa ‘presença’ ou ‘chegada’ e era usada a respeito de visitas de deuses ou de governantes. A *parousia* pode ser chamada de ‘segunda vinda de Jesus’”. (Travis, 2011, p. 342)

⁹ “Jesus estava sentado no monte das Oliveiras quando os discípulos se aproximaram dele e, em particular, lhe pediram: — Diga-nos quando essas coisas vão acontecer e que sinal haverá da sua vinda e do fim dos tempos” (Almeida, 2017).

¹⁰ “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem. Todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos, com grande som de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus” (Almeida, 2017).

¹¹ “e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o sol, no Reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Almeida, 2017).

¹² “Jesus lhes respondeu: — Em verdade lhes digo que, na regeneração, quando o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, vocês que me seguiram também se assentarão em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Almeida, 2017).

Notadamente a explanação de Laad acima nos elucida a motivação de tantos personagens históricos e pessoas desconhecidas demonstrarem interesse pelo “século futuro”, afinal recai sobre as expectativas de um mundo transcendental melhor do que vivenciamos ou de julgamento. Escapismo e medo contemplam tais elucubrações. Entendemos esse ponto como motivador para novas e várias teorias sobre a *parousia* desde os pais da igreja até Miller.

Nos primeiros anos da Igreja cristã e, logo a seguir, com os primeiros pais da Igreja, percebemos uma ênfase na mensagem dos livros de Daniel e do Apocalipse de João. Esses dois livros formam a mensagem apocalíptica cristã que tem suas raízes na apocalíptica judaica, entre o período do Antigo Testamento e do Novo Testamento os ouvintes aos quais Jesus pregava estavam influenciados pela mensagem apocalíptica e tinham a seguinte cosmovisão: o mundo dentro de pouco tempo chegaria ao fim; a vinda do Messias significava que o fim começara e a sua ressurreição era o primeiro ato do cenário escatológico. A partir da influência da mensagem apocalíptica entre os primeiros cristãos, percebemos a evidência do pré-milenismo nos três primeiros séculos da era cristã (Lopes, 2011).

Desta forma, aqueles cristãos baseavam-se em várias crenças sobre o milênio: a segunda vinda de Cristo em glória e poder; a primeira ressurreição apenas para os justos; o juízo universal; o reino messiânico de mil anos; a segunda ressurreição geral de todos os homens e mulheres; e o juízo final com a consequente recompensa ou sanção definitiva. Entendiam que os justos ressuscitados se assentarão com Cristo para participar do julgamento, em seguida, será inaugurado o reino de mil anos, ao final do qual Satanás será derrotado para sempre. Havia neles, portanto, uma concepção pré-milenista, como já dito, evidenciada nas obras de Papias (60-130), Irineu de Lião (115-203), Justino Mártir (100-165) e Tertuliano (160-220). Papias, discípulo de João ou do presbítero João, era um entusiasta do milênio, como percebemos no texto a seguir:

Então, a bênção de Isaque, com esta abençoou a Jacó, o seu filho mais novo, e que tem o mesmo significado, enquanto diz: “eis que o cheiro do meu filho é como o cheiro do campo cheio da bênção do Senhor” (Gn 27.27). Todavia, o campo é o mundo (Mt 13.38). E, acrescentou, portanto, “Deus vos dê o orvalho do céu e da gordura da terra, cereais e vinho em abundância. E que as nações te sirvam, e os reis se curvem a ti; e sê senhor sobre o teu irmão, e os filhos do teu pai se prostrarão diante de ti, maldito aquele que te amaldiçoar, e bendito aquele que te abençoar” (Gn 27.28–29). Com isto, se alguém não aceita essas coisas como se referindo ao Reino designado; certamente, este cai em muitas contradições e contrariedades; como é o caso dos judeus, que estão envolvidos pela perplexidade absoluta. Porque as nações nesta vida não serviram a Jacó; contudo, mesmo depois de ter recebido a bênção; quando Jacó saiu de sua casa,

serviu a seu tio Labão, o sírio, por vinte anos (Gn 31.41); e ainda não só ele foi feito senhor, isto é, senhor do seu irmão; todavia, ele se prostrou diante do seu irmão Esaú; após o seu retorno da Mesopotâmia, ao voltar ao seu pai, e ofereceu presentes em demasia a Esaú (Gn 33.3–11). Além disso, como herdou aqui os muitos grãos e vinho, o mesmo que emigrou para o Egito por causa da fome que assolou a terra em que ele morava; e ainda sujeitou-se a Faraó; que era o governante do Egito? A bênção predita, de fato, pertence inquestionavelmente, aos tempos do Reino, quando os justos governarão sobre a ressurreição dos mortos; enquanto, também a criação que será renovada e liberta; esta frutificará com abundância todos os tipos de cereais e alimentos, do orvalho do céu, e da fertilidade da terra, tal qual, os anciãos que conviveram com João, o discípulo do Senhor, os próprios relataram que tinham ouvido dele, como o Senhor sempre ensinava acerca desses tempos, e dizia: “dias virão em que as vinhas crescerão, cada uma com dez mil ramos, e em cada ramo dez mil ramos, e em cada galho dez mil brotos verdadeiramente, em cada broto dez mil cachos, e em cada um dos cachos dez mil uvas, e cada uma quando prensada dará vinte e cinco metretas de vinho. E qualquer um dos santos que se apoderar de um cacho, outro lhe clamará: eu sou um cacho melhor, leve-me; bendiga ao Senhor por meio de mim”. Igualmente, declarou o Senhor que “um grão de trigo, produziria dez mil espigas e que cada espiga teria dez mil grãos de trigo, que produziria dez mil grãos e cada grão renderia dez libras (*cinque bilibres*), de farinha clara, pura e fina; e que todas as outras árvores frutíferas, e sementes e a grama, produziriam em proporções similares (*secundum congruentiam iis consequentem*); e que todos os animais que se alimentarem apenas das produtividade da terra; deveriam naqueles dias, tornar-se pacíficos e dóceis entre si; além de estarem em perfeita sujeição ao homem” (Lyon, 2021, p. 341-343)

Justino Mártir, que viveu em Éfeso por volta de 135 d.C., escreveu sobre o Apocalipse de João, afirmando que

um homem chamado João, um dos apóstolos de Cristo, profetizou no Apocalipse o que foi feito a ele, que aqueles que creem em nosso Senhor passarão mil anos em Jerusalém; depois disso, acontecerá a ressurreição geral e, em uma palavra, eterna, unânime, a ressurreição de todos os homens juntos, bem como o julgamento (Mártir, 2021, p. 193).

Portanto, a crença no milênio como uma realidade literal é bem antiga e envolve figuras históricas proeminentes, não podendo ser desprezada (Champlin, 2013a; Lopes, 2011).

Durante o Século I, as passagens escatológicas ou apocalípticas nas Escrituras eram interpretadas de duas maneiras principais: a primeira envolvia uma interpretação não escatológica ou não futurista, enquanto a segunda consistia em simplesmente descartá-las ou desconsiderá-las, assim como outros segmentos da Bíblia. A forma tradicional da doutrina de que a justiça triunfaria era entendida como a segunda vinda de Cristo. Esse entendimento do retorno literal de Jesus à terra, vindo nas nuvens do céu, era comum e de fácil aceitação naquela época, já que as pessoas concebiam a terra como um paralelogramo achatado, tornando plausível a ideia de alguém que subia e descia das nuvens. Essa esperança assumiu uma forma messiânica devido à intensa agitação política

da época. Com a sucessão de nações, crescia a expectativa de que Israel seria libertado por um rei terrestre que restabeleceria o reino de Davi (Erickson, 2010).

No decurso da história, o entendimento escatológico foi se modificando sob influência da sociedade, da cultura e de eventos históricos que permitiam crer na maior ou menor iminência da *paousia* e na sua literalidade ou subjetividade. Desta forma, tempos difíceis faziam os fiéis aguardarem a vinda literal do Cristo antes do Reino Milenar, pois não havia nada no cenário conhecido que desse esperança às pessoas de um milênio presente. Assim cenários pessimismos tendiam ao pré-milenismo enquanto cenários otimistas faziam cristãos acreditarem estar vivendo o milênio presente ou próximo gerando maior adesão a ideias pós-milenistas.

A exemplo desta afirmação, Lopes (2011, p.68) cita a influência dos escritos de Johann Heinrich Alsted na defesa do pré-milenismo, que serviram para encorajar outros a esperarem o estabelecimento do reino milenar na Inglaterra durante a Revolução Puritana. Contudo a queda de Oliver Cromwell e a restauração da monarquia da família Stuart fez com que o pré-milenismo caísse em declínio, fortalecendo-se o pós-milenismo, “ensinado principalmente por Jonathan Edwards (1703-1758), que enfatizava o papel da América do Norte em estabelecer na Terra as condições milenares”. Edwards previu uma era de contínuo avanço do Evangelho, culminando no milênio por volta do ano 2000, caracterizado por paz, conhecimento, santidade e prosperidade.

Esse período, influenciado pelo Iluminismo, inspirou um otimismo profundo e a crença de muitos protestantes em um milênio promovido pela Igreja com auxílio divino. Edwards contribuiu significativamente ao sugerir que esse avanço seria uma combinação da atuação do Espírito Santo, da pregação do Evangelho e do cultivo das graças ordinárias. Sua visão pós-milenista oferecia um incentivo otimista para os esforços da Igreja, integrando história e reino de Deus. Charles G. Finney (1792-1875), avivalista influenciado por Edwards, avançou esses pressupostos ao afirmar que o avivamento resultava não apenas de manifestações sobrenaturais, mas também do uso adequado de técnicas específicas, que chamou de novas medidas (Lopes, 2011).

Nesse contexto de otimismo devido aos avanços científicos, parecia natural que as pessoas acreditassem na presença ou aproximação do milênio. Com o milênio sendo considerado iminente, a pergunta que surgia era quando ocorreria a volta de Cristo. Na tentativa de responder a essa questão, muitos faziam cálculos. William Miller, influenciado pelo espírito de seu tempo, também realizou seus próprios cálculos e concluiu que o milênio ainda estava por vir, pregando o pré-milenismo. Ele relacionou

eventos significativos como o terremoto de Lisboa, em 1755, e, mais importante, os eventos da Revolução Francesa na década de 1790, como sinais apocalípticos. A violência e magnitude das revoltas sociais e políticas da Revolução Francesa estimularam o interesse nas profecias de tempo, especialmente em relação ao ano de 1798. Em fevereiro daquele ano, o general Berthier, do exército de Napoleão, marchou sobre Roma e destronou o papa Pio VI. Utilizando o princípio de que, em profecia, um dia equivale a um ano, os estudiosos da Bíblia viram o aprisionamento do papa como a “ferida mortal” de Apocalipse 13:3¹³ e o cumprimento da profecia dos 1.260 dias/anos de Daniel 7:25¹⁴, Apocalipse 12:6¹⁵, 14¹⁶ e 13:5¹⁷. LeRoy Froom documentou que, entre 1800 e 1844, mais de 65 pessoas em quatro continentes predisseram que a profecia dos 2.300 dias/anos se cumpriria em algum momento entre 1843 e 1847. Esses cálculos e previsões refletiam o fervor milenarista da época e a busca por sinais que indicariam o retorno iminente de Cristo.

Charles Finney, o maior evangelista americano do final do Século XIX, refletia a visão prevalecente de seu tempo quando escreveu em 1835: “Se a igreja fizer o seu dever, o milênio poderá começar neste país em três anos.” Mais tarde, Finney revisou sua posição ao examinar a teoria de William Miller, persuadido de que o milênio viria antes do julgamento, ao contrário do que Miller esperava (Knight, 2016, loc. 150). O final do Século XVIII e o início do Século XIX testemunharam um número sem precedentes de publicações sobre profecias apocalípticas, refletindo um mundo empolgado com temas religiosos. Nesse contexto, o milerismo nasceu e se desenvolveu. Entre 1841 e 1843, os preços da agricultura caíram drasticamente, atingindo o menor ponto em março de 1843, coincidindo com a fase culminante do milerismo. No conturbado cenário do final da década de 1830, o milerismo ganhou aderência, oferecendo respostas para as crises pessoais e sociais da época. Everett Dick demonstrou que o ponto máximo em ganhos de

¹³ Uma das cabeças da besta parecia ter sido golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada (Almeida, 2017).

¹⁴ Ele falará contra o Altíssimo, oprimirá os santos do Altíssimo e tentará mudar os tempos e a lei; e os santos serão entregues nas mãos dele por um tempo, tempos e metade de um tempo (Almeida, 2017).

¹⁵ A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde Deus lhe havia preparado um lugar, para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias (Almeida, 2017).

¹⁶ Mas foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse para o deserto, para o seu lugar, aí onde é sustentada durante um tempo, tempos e metade de um tempo, fora do alcance da serpente (Almeida, 2017).

¹⁷ Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e foi-lhe dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses (Almeida, 2017).

membros em várias denominações foi no tempo exato em que Miller esperava o advento de Cristo.

Assim, a campanha milerita não deve ser vista como um movimento separado do Segundo Grande Avivamento, mas como uma extensão dele. Dick provavelmente está correto ao afirmar que “William Miller possa ser justificavelmente considerado a maior influência do nordeste dos Estados Unidos entre 1840 e 1844” (Knight, 2016, loc. 241). O milerismo, ao proporcionar uma mensagem que ressoava com o anseio de muitos, tornou-se um fenômeno significativo, integrando-se ao fervor religioso e às expectativas apocalípticas de seu tempo (Knight, 2016).

3 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO MOVIMENTO MILERITA

O movimento milerita surge a partir das construções teológicas, baseadas em cálculos, profetismo¹⁸ e messianismo¹⁹, do pastor batista, e fazendeiro, William Miller, ou Guilherme Miller para alguns autores brasileiros. Miller nasceu em 1782, em Pittsfield, Estado de Massachusetts, viveu sua juventude em Hampton, Estado de Nova Iorque, e faleceu no ano de 1849, aos 67 anos de idade, com sua saúde bastante debilitada (Champlin, 2013b; Knight, 2016)

Teve uma vida marcada por diversas transições e realizações. Por 12 anos, ele aderiu ao deísmo²⁰, uma filosofia que posteriormente foi abalada por suas experiências militares. Foi maçom, alcançou o grau mais alto na Maçonaria, refletindo seu envolvimento profundo em organizações sociais. Além disso, Miller ocupou várias posições de destaque em sua comunidade, incluindo chefe de polícia, xerife e juiz de paz. Possuidor de uma fazenda próspera, ele se tornou um dos cidadãos mais respeitados da sua comunidade em 1812. Participou da Guerra contra a Grã-Bretanha, servindo como tenente da milícia de Vermont em 1810 e ascendendo a capitão do exército regular em 1815. A brutalidade da guerra levou Miller a questionar profundamente suas crenças

¹⁸ Entenda-se por profetismo a definição encontrada no dicionário Aulete Digital: “Militância político-religiosa de alguém que, com discurso profético, faz revelações tanto para o homem do povo quanto para seus mandatários sobre verdades ocultas ao senso comum”.

¹⁹ Entenda-se por messianismo a definição encontrada no dicionário Aulete Digital: “Crença na vinda redentora de um messias” nesse caso, embora também possa ser entendido como “Expectativa de uma profunda mudança social, pela intervenção de um líder carismático”.

²⁰ Knight (2016, loc. 204) define deísmo como “postura cética que rejeita o cristianismo, os milagres e também a revelação sobrenatural”.

deístas e a natureza humana, gerando em si uma crise em relação a suas convicções sobre a morte e o aniquilamento²¹. Após a guerra, retornou para Hampton e dedicou-se à agricultura, no entanto teve sua vida transformada por uma conversão religiosa que despertou nele um interesse profundo pelas Escrituras, sobretudo por questões proféticas. Em 1823, sua convicção religiosa o levou a declarar que a segunda vinda de Jesus Cristo ocorreria antes de 1843, marcando o início de seu papel como profeta milerita (Champlin, 2013b; Knight, 2016).

Tornou-se pregador e líder religioso apesar de sua educação acadêmica deficiente, porém compensada por seu autodidatismo e pela ajuda de seus amigos de Hampton, que lhe emprestavam livros (Champlin, 2013b). Essa deficiência acadêmica não era empecilho para sua relevância e adesão de pessoas aos seus ensinamentos, pois, “na mentalidade da época, uma pessoa não precisava ser especialista para concorrer a um posto público, praticar medicina ou fazer teologia” (Knight, 2016, loc. 477). Knight (2016) explica que isso ocorria porque predominava no cristianismo estadunidense no início do Século XIX a filosofia do “senso comum”, relacionada com a mentalidade jacksoniana²², caracterizada por evitar explicações racionais complexas e destacar os fatos como “pareciam às pessoas nas ruas”, ou seja, sem rigor científico, sem reflexões mais profundas, sem métodos, levando a conclusões baseadas em opiniões, o que não nos parece tão distante de muitas discussões do Século XXI. Tal posicionamento pode ter contribuído para a propagação das ideias de Miller, por ser utilizado inclusive para a interpretação da Bíblia.

Além de sua sintonia com a fé jacksoniana, o restauracionismo cristão²³ foi outra influência e contribuição para o impulsionamento da pregação de Miller. Seguindo esta última influência presente no cristianismo estadunidense do Século XIX, pregava-se a volta e restauração dos “ideais da Bíblia”, tendendo a ignorar modelos de autoridade como igreja, especulação filosófica, tradição e teorias humanísticas (Knight, 2016). Talvez seja uma tendência extrema do *Sola Scriptura*. Knight (2016, loc. 512-530)

²¹ “A doutrina do aniquilamento ensina que o homem foi criado imortal, mas os que continuam no pecado, por um ato positivo de Deus, são privados do dom da imortalidade e finalmente destruídos” (Berkhof, 2012, p. 249)

²² Referente ao final do Século XVIII e início do Século XIX nos Estados Unidos, durante a presidência de Andrew Jackson. Esse período foi marcado por uma expansão da democracia e um foco no homem comum. Muitos cristãos, rejeitando os credos, confissões, liturgias e tradições das igrejas europeias, passaram a interpretar a Bíblia de maneira independente. Essa atitude refletia uma certa arrogância, sugerindo que qualquer pessoa poderia entender e interpretar as Escrituras sem considerar o contexto histórico e teológico (Horton, 2000).

²³ Busca pelo retorno à igreja do Novo Testamento, defendida pelos reformadores radicais (Parks, 2022).

destaca ainda dois pontos a serem observados “sobre o mundo intelectual da época de Miller”:

ele valorizava o racionalismo e o literalismo. O elemento racionalista era uma herança do Iluminismo do século 18, e sua expressão religiosa era o deísmo. Miller e sua geração viveram em um mundo que valorizava grandemente as abordagens racionais de todas as coisas, incluindo a religião. O literalismo também foi influente no espírito dos tempos de Miller. A maioria das pessoas acreditava que interpretações literalistas da Bíblia implicavam fidelidade, enquanto interpretações alegóricas e metafóricas sugeriam que a Bíblia não estava sendo levada a sério. Miller estava em sintonia com essa mentalidade quando escreveu, em suas regras de interpretação da Bíblia que se uma passagem faz sentido como está, [...] então ela tem que ser compreendida literalmente.

Em 1818 Miller declarou: “Deixei todos os comentários, antigas ideias e pressuposições, e me determinei a ler e tentar entender por mim mesmo” (Knight (2016, loc. 530).

Cabe ainda ressaltar como outro fator facilitador para a propagação das ideias mileritas foi um aparente interesse da população estadunidense nas décadas de 1820 e 1830 por cálculos (Knight, 2016). Assim, verificamos que a pregação de Miller foi fruto de seu próprio tempo, cultura e experiências. A partir da mentalidade jacksoniana, do restauracionismo cristão, do racionalismo, do literalismo e da “fixação por cálculos” [grifo nosso], aliados ao profetismo e messianismo, Miller, sob essas influências, elabora sua teoria e facilmente encontra adeptos, justamente por dialogar com o pensamento de seu tempo. Como reforça Knight (2016, loc. 229), “a mensagem de Miller falava àqueles tempos. Provavelmente, não foi por acidente que o entusiasmo por sua mensagem desse um passo gigante entre 1838 e 1839”.

Com base em seus estudos sobre profecias, William Miller concluiu que o “fim do mundo” ocorreria em 1843. Motivado por essa convicção, ele começou a pregar sermões carregados de emoção, atraindo numerosas multidões e obtendo muitos adeptos para seu movimento. Em 1836, Miller publicou um volume de suas conferências intitulado *Evidence from Scripture and History of the Second Coming of Christ about the Year 1843*. Joshua Vaughan Himes, um de seus discípulos mais dedicados, encarregou-se de publicar os escritos de Miller e de propagar sua causa. Em pouco tempo, formou-se um movimento adventista²⁴ de âmbito nacional. A mensagem central de Miller era que Jesus retornaria por volta do ano de 1843. Contrário à opinião da maioria em seu tempo,

²⁴ Cabe ressaltar que o termo adventista aqui se refere aos que aguardavam o advento, ou seja, os primeiros mileritas, não aos adventistas do sétimo dia, como estamos familiarizados, pois a Igreja Adventista do Sétimo Dia ainda não havia sido organizada, como veremos mais adiante.

Miller pregava que Jesus viria antes do início do milênio, uma distinção doutrinária significativa. Ele acreditava que essa crença era tão crucial que seus seguidores não deveriam obscurecer a mensagem enfatizando outros pontos doutrinários, pois isso poderia criar divisões entre os adventistas. Para Miller, o tempo era muito curto para divergências teológicas, pois todos os debates doutrinários seriam resolvidos com o segundo advento. Essa era a única e suprema verdade que deveria ser anunciada.

Juntamente com seu uso da Bíblia, Miller empregava a história para fundamentar suas pregações. Ele acreditava que a história secular se desenvolvia de acordo com as profecias bíblicas, e que "paralelos exatos entre predição e cumprimento tinham que ser descobertos". Para Miller, era óbvio que os eventos históricos seguiam um padrão predito nas Escrituras. O fundamento de suas conclusões era a certeza de que Cristo viria por volta do ano de 1843 para resgatar seu povo e purificar a Terra (o santuário de Daniel 8.14²⁵) com fogo. Essa convicção não apenas galvanizou seus seguidores, mas também destacou a singularidade de sua mensagem em um período de intensa expectativa escatológica. A crença de Miller no retorno iminente de Cristo antes do milênio se tornou uma pedra angular de seu movimento, moldando a identidade e a missão dos primeiros adventistas. Esse movimento emergiu com uma mensagem clara e urgente, centrada na iminência do segundo advento, sublinhando a prioridade de preparar-se para esse evento transcendental, que prometia transformar a realidade de seus seguidores (Champlin, 2013b; Knight, 2016).

Knight (2016) argumenta que Além dos 2.300 dias, os símbolos-chave de Daniel 8.14 eram o santuário e sua purificação. Por meio de um estudo sistemático, William Miller concluiu que as únicas entidades que poderiam ser representadas pelo santuário na década de 1840 eram a Terra e a igreja. Ele também passou a acreditar que a purificação seria realizada com fogo, citando a passagem de Pedro: “Pela mesma palavra, os céus e a terra que agora existem têm sido guardados para o fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e da destruição dos ímpios²⁶” (2 Pedro 3.7). Miller interpretou que a purificação da Terra com fogo no fim dos 2.300 dias representava a vinda de Cristo em julgamento. Apesar de defender a vinda pessoal de Cristo na década de 1840, Miller não apresentou nenhuma novidade surpreendente; sua doutrina permanecia amplamente alinhada com a ortodoxia. Resumidamente, seus seguidores se viam como um povo profético, com a

²⁵ Ele me disse: — Até duas mil e trezentas tardes e manhãs. Depois, o santuário será purificado (Almeida, 2017).

²⁶ (Almeida, 2017).

missão de apresentar uma mensagem urgente e necessária para a humanidade. A abordagem de Miller não apenas enfatizava a iminência do juízo final, mas também inspirava uma profunda reflexão sobre a preparação espiritual necessária para esse evento transcendental. Assim, sua pregação ecoava a esperança e a responsabilidade de estar pronto para a vinda de Cristo.

Conforme percebemos, a obra pública de William Miller começou de forma gradual. Ele proferiu seu primeiro sermão sobre o segundo advento em 1831, seguido pela sua primeira declaração publicada sobre o tema em 1832. Ambos os eventos atraíram atenção imediata para Miller, submetendo sua mensagem a um escrutínio minucioso. Além do crescente número de compromissos e das inúmeras pessoas que lhe escreviam e o visitavam para entender melhor suas ideias, o primeiro reconhecimento público significativo de seu trabalho ocorreu em 14 de setembro de 1833. Esse reconhecimento representou um marco na sua missão, ampliando a visibilidade de sua mensagem e consolidando sua posição como um líder proeminente de um movimento religioso nascente (Knight, 2016).

4 O GRANDE DESAPONTAMENTO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O ano de 1843 chegou, mas Cristo não retornou. Em resposta a isso, William Miller marcou uma nova data específica: 22 de outubro de 1844. À medida que essa data se aproximava, milhares de pessoas abandonaram suas ocupações, aguardando em grande expectativa. Contudo, aquele dia veio e passou (há cerca de cento e cinquenta anos), mas nada aconteceu em relação à volta de Cristo à Terra. Para justificar o fracasso, os milleritas desenvolveram a interpretação de que, nesse dia, Jesus entrou no Santo dos Santos celestial para oferecer seu sangue em sacrifício ao Pai pelos pecados da humanidade. Para muitos adeptos, isso se tornou uma desculpa para ocultar a falha na predição de Miller, permitindo-lhes manter sua fé apocalíptica equivocada. O próprio Miller continuou suas atividades, mas evitou marcar novas datas para o retorno de Cristo. Entretanto, alguns de seus seguidores continuaram a marcar datas, todas falhas. O cerne do movimento, contudo, perdeu a prática de marcar datas para o retorno de Cristo, concentrando-se na data da purificação do santuário celeste (Champlin, 2013b).

A reação ao desapontamento é bem refletida por Martins e Cameira, (2004) ao questionar qual seria a situação de um crente diante da desconfirmação em um movimento messiânico? Os autores explicam: Ele possui uma crença fortemente

apoiada, como a segunda vinda de Cristo, sustentada por outros membros do movimento e atividades consistentes com suas crenças. A desconfirmação introduz uma dissonância dolorosa, pois o não cumprimento de uma profecia é dissonante para a continuidade da crença e da ideologia subjacente. A falha da profecia é dissonante com todas as ações que o crente realizou na preparação para o evento predito. A magnitude da dissonância depende da importância da crença e da extensão das atividades desenvolvidas na preparação para a ocorrência da crença. Nos movimentos messiânicos, a crença central e a ideologia são geralmente cruciais para a vida dos crentes, tornando a dissonância mais intensa e dolorosa. Em tais situações, esforços são esperados para eliminar ou reduzir a dissonância. A dissonância pode ser eliminada ao questionar a crença não cumprida ou ao abandonar comportamentos iniciados na preparação para a profecia. Alternativamente, se o compromisso com o sistema de crenças for forte, os crentes podem preferir tolerar a dissonância admitindo que houve um erro de interpretação, mas que o sistema de crenças está correto. Em alguns casos, a dissonância pode ser reduzida ou eliminada se os membros do movimento se recusarem a reconhecer que a predição não se concretizou, ignorando o que aconteceu.

Assim os sabatistas em desenvolvimento passaram a interpretar que Daniel 8:14 (“Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”) havia se cumprido em 22 de outubro de 1844. Sua tarefa principal passou a estabelecer interpretações alternativas para o significado do santuário e sua purificação. Miller interpretou o santuário como sendo a Terra e sua purificação como a ação do fogo no segundo advento, algo que obviamente não ocorreu em 22 de outubro de 1844. Josiah Litch expressou dúvidas sobre a interpretação de Miller após o desapontamento da primavera. Ele escreveu em abril de 1844 que “nunca foi provado” se a purificação do santuário no fim dos 2.300 dias era a vinda de Cristo ou a purificação da Terra, sugerindo que os adventistas poderiam estar errados quanto ao evento que marcava a conclusão do período profético (Knight, 2016, loc. 5026).

Ademais, Hiram Edson teve uma “visão” em 23 de outubro de 1844, levando-o a um extenso estudo bíblico com O. R. L. Crosier e o Dr. F. B. Hahn. Seguindo a abordagem de Miller e usando uma concordância para desvendar o significado das Escrituras, eles concluíram que o santuário a ser purificado em Daniel 8:14 não era a Terra ou a igreja, mas o santuário no Céu, do qual o terrestre era um tipo ou cópia. Edson e Hahn acreditavam que suas descobertas eram “exatamente o que o remanescente espalhado precisava” para explicar o desapontamento e “colocar os

irmãos no caminho certo”. Eles dividiriam os custos da publicação se Crosier escrevesse sobre o tema do santuário. Crosier publicou os resultados no Day Dawn, no início de 1845, e em 7 de fevereiro de 1846, suas conclusões foram publicadas no Day-Star Extra, sob o título “A Lei de Moisés”. Eles forneceram respostas sobre o que ocorreu em 22 de outubro de 1844 e qual santuário precisava ser purificado.

Consequentemente, as descobertas principais publicadas em “A Lei de Moisés” incluem: (1) Existe um santuário literal no Céu. (2) O sistema do santuário hebraico é uma representação visual completa do plano de salvação, seguindo os padrões do santuário celestial. (3) Assim como os sacerdotes terrestres tinham um ministério de duas fases no santuário do deserto, Cristo tem um ministério de duas fases no santuário celestial: a primeira fase começou no lugar santo com sua ascensão; a segunda, em 22 de outubro de 1844, quando Jesus passou do primeiro para o segundo compartimento. O Dia da Expição celestial ou antitípico começou nessa data. (4) A primeira fase do ministério de Cristo lidou com o perdão; a segunda, com a eliminação dos pecados e a purificação do santuário e dos crentes. (5) A purificação de Daniel 8:14 é a purificação do pecado, realizada com sangue em vez de fogo. (6) Cristo não retornará à Terra até que seu ministério no segundo compartimento esteja completado (Knight, 2016, loc. 5057-5067).

Além disso, Miller havia relacionado a cena do juízo de Daniel 7, a purificação de Daniel 8:14 e a expressão “é chegada a hora do seu juízo” de Apocalipse 14:7 ao juízo que ocorreria no segundo advento. Enquanto a maioria dos adventistas mileritas, sob a liderança de Joshua Himes, considerava a interpretação do elemento de tempo de Daniel 8:14 como um erro, os sabatistas acreditavam que os mileritas estavam certos quanto ao tempo, mas errados quanto ao evento ocorrido em 22 de outubro. Afinal, ninguém havia refutado os cálculos de Miller. Um estudo aprofundado tornou óbvio para os sabatistas que os mileritas interpretaram erroneamente o simbolismo da purificação e do santuário (Knight, 2016).

Knight (2016) tenta abrandar as consequências negativas do Grande Desapontamento ao acusar os fanáticos do movimento, estes postos como efeito colateral do milenarismo (note que nos referimos ao milenarismo em vez de milerismo²⁷), e os intolerantes, ou perseguidores dos mileritas, na tentativa de atenuar

²⁷ Ressalte-se que milenarismo se refere à crença no reino milenar de Cristo e milerismo a adesão às ideias de Miller.

as previsões de Miller, porém não há como negar que além do grave erro teológico em tentar prever a *parousia*, o movimento milerita levou pessoas a abandonarem seus empregos, terras, bens e até famílias pela esperança do advento, acreditando que não faria sentido continuarem suas vidas seculares diante da iminência da segunda vinda. Muitos venderam suas propriedades ficaram desamparados quando Jesus não voltou na data marcada. Desta maneira o desapontamento não foi apenas por esperarem algo que não aconteceu ou uma simples desilusão ou frustração, mas implicou perdas financeiras, sociais e relacionais, porque o movimento também pregava rompimento de laços institucionais, ao acusar igrejas não aderentes de serem “Babilônia”. Assim, muitos crentes não tinham mais como contar com o apoio de suas antigas congregações após o desapontamento.

A solução encontrada para a dissonância, no caso dos líderes mileritas, foi alegar erro de interpretação, inventando uma purificação do templo celestial e usando Daniel 8.14 como texto-prova²⁸. O resultado foi, por meio de uma forte divulgação, a organização de igrejas adventistas, inclusive do Sétimo Dia.

Knight (2016) comenta que mais de 170 anos se passaram desde o desapontamento de 22 de outubro de 1844. Esse evento transformou profundamente o milerismo. Entre 1844 e 1866, surgiram seis movimentos que evoluíram para denominações distintas. Entre os adventistas não sabatistas formaram-se a Associação Adventista Evangélica Americana, os Cristãos do Advento, a Igreja de Deus e a União da Vida e do Advento. Paralelamente, o movimento sabatista deu origem aos Adventistas do Sétimo Dia e à Igreja de Deus (do Sétimo Dia).

O censo governamental dos Estados Unidos em 1890 forneceu uma visão mais precisa dos membros adventistas e destacou mudanças significativas no tamanho dessas denominações oriundas do milerismo. Naquela época, os Adventistas do Sétimo Dia haviam se tornado predominantes, com 28.991 membros no país. Os Cristãos do Advento seguiam com 25.816 membros. Em seguida, a Igreja de Deus tinha 2.872 membros; os Adventistas Evangélicos, 1.147; a União da Vida e do Advento, 1.018; e a Igreja de Deus (do Sétimo Dia), 647 membros.

Mais de um século depois, em 2006, apenas quatro das seis denominações adventistas originais ainda existiam. Os Adventistas do Sétimo Dia relataram

²⁸ Para aprofundar essa discussão, sugerimos a leitura do artigo *Dicta Probantia: Uma reflexão sobre o uso de textos-prova na hermenêutica adventista*, Isaac Malheiros (2014)

aproximadamente 1 milhão de membros nos Estados Unidos e mais de 15 milhões ao redor do mundo, dominando a lista de organizações religiosas herdeiras do milerismo. Os Cristãos do Advento contabilizavam 25.277 membros; a Igreja de Deus, 3.860; e a Igreja de Deus (do Sétimo Dia), 9 mil membros. Os Adventistas Evangélicos, que haviam sido um grupo forte, foram os primeiros a desaparecer, no início do século 20. A União da Vida e do Advento também perdeu sua identidade, relatando apenas 340 membros em 1958, antes de se unir aos Cristãos do Advento seis anos depois.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término dessa pesquisa percebemos que a busca pelo conhecimento do que nos aguarda no futuro é uma forma de lidar com os sofrimentos e angústias do presente, por isso a importância do estudo da escatologia na busca por consolo para nossas provações, sem limitá-la apenas a conhecimento teórico e pressupostos teológicos, ou tratá-la como conjecturas e hipóteses, preocupando-se com as variações milenistas, mas a serviço da igreja para fortalecer a fé das pessoas por meio de uma viva esperança voltada para a vida prática, em vez de usá-la para adivinhações e elaboração de teorias escapistas, mesmo que bem intencionadas. Entendendo que o mau uso da escatologia levou as comunidades de fé em diversas culturas e tempos diferentes a conclusões enganosas, muitas vezes com consequências prejudiciais para a sociedade.

Entendemos que William Miller não pode ser visto à parte de seu tempo. Suas conclusões foram elaboradas no contexto e anseios de sua época, influenciadas pela cultura e especulações próprias da sociedade estadunidense do fim do Século XVIII e início do Século XIX, além de suas experiências pessoais. O milerismo é, portanto, fruto da efervescência religiosa e, conseqüentemente, inúmeras profecias apocalípticas publicadas naquele tempo.

Observamos que Miller era um homem influente: pastor batista, fazendeiro, chefe de polícia, xerife, juiz de paz, líder maçônico, ex-combatente e tinha um envolvimento profundo em organizações sociais. Traços que lhe proporcionavam credibilidade. No entanto, elaborou suas conjecturas baseado em senso comum, literalismo e texto-prova. Esse último aspecto nos leva a uma reflexão importante sobre a importância de estudos teológicos sérios a partir de uma boa exegese.

A tentativa de adivinhar a data ou período do advento fracassou, por motivos óbvios, mas seu fracasso não atenuou as consequências para quem se deixou influenciar pelo movimento milerita. Muitos tiveram perdas irreparáveis. A única tentativa de atenuação foi sobre a própria teoria ao admitir uma falha parcial referente aos cálculos de Miller, primeiramente atribuindo a erro de data, postergando o advento por pouco mais de um ano. Quando não foi mais possível marcar data, a liderança resolveu alegar erro de interpretação inventando outra forma de advento, a purificação do templo celestial.

A bem da verdade, a pregação milerita aumentou a adesão de fiéis além do movimento. Muitas igrejas protestantes se beneficiaram da expectativa exposta em publicações e nos púlpitos e cresceram, gerando uma sensação de avivamento. Contudo, cabe-nos o questionamento se tal favorecimento é válido diante do mal causado. Precisamos constantemente nos perguntar se os fins justificam os meios.

A principal consequência da mudança de discurso milerita ao apontar o erro para a interpretação do advento foi o surgimento de igrejas adventistas, dentre elas a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a mais relevante, que mantém a doutrina da purificação do templo celestial até hoje, mas apresenta forte contribuição social com suas escolas, faculdades e hospitais. Apesar das divergências teológicas afirmamos nosso respeito aos seus seguidores e àquela instituição.

Concluimos advertindo sobre o problema do literalismo e do senso comum nas elaborações teológicas, sobretudo no estudo da escatologia. Devemos nos lembrar de que o próprio Jesus afirmou que “a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai²⁹” (Mateus 24.36) e aos discípulos curiosos em saber sobre o tempo de restaurar o reino a Israel ele responde “não cabe a vocês conhecer tempos ou épocas que o Pai fixou pela sua própria autoridade³⁰” (Atos 1.7). Apoiados nessa premissa estudemos a escatologia com honestidade intelectual, baseada nas melhores ferramentas exegéticas disponíveis, a serviço da igreja, sem buscar na Bíblia o que ela não se propõe a dizer. Afinal, se a teologia é o estudo da revelação de Deus ao ser humano, não faz sentido tentar revelar o que Deus não pretende revelar.

²⁹ (Almeida, 2017)

³⁰ Idem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de, trad. **Nova Almeida Atualizada**. Edição Revista e Atualizada®, 3ª edição. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

AULETE. Profetismo. **Dicionário Aulete Digital**. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/profetismo>. Acesso em: 12 jun. 2024.

_____. Messianismo. **Dicionário Aulete Digital**. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/messianismo>. Acesso em: 13 jun. 2024.

BABY DO BRASIL; SANGALO, Ivete. **Macetando o Apocalipse**: Veja o diálogo entre Ivete Sangalo e Baby do Brasil I Band Folia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1p2NT8VyyfE>. Acesso em: 5 jun. 2024.

BERKHOF, Louis. **Manual de Doutrina Cristã**. Tradução de Joaquim Machado. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012. p. 249-256.

CHAMPLIN, R. N. “Milênio”. In **Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia**, 4:282. São Paulo: Hagnos, 2013a.

CHAMPLIN, R. N. “Miller, William (Millerismo)”. In **Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia**, 4:282. São Paulo: Hagnos, 2013b.

CHIA, R.; KATONGOLE, E. M. Escatologia. In: DYERNESS, William A.; KÄRKKÄINEN, Veli-Matti; MARTINEZ, Juan Carlos (org.). **Uma Obra de Referência para a Igreja em Todo Mundo: Dicionário Global de Teologia**. Tradução de Lucy Yamakami et al. São Paulo, SP: Hagnos, 2017. p. 292.

ERICKSON, Millard J.. **Escatologia: a polêmica em torno do milênio**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010. Tradução de: Gordon Chown e Márcia Pekkala Barrios Medeiros.

HORTON, Michael. **A Lei da Perfeita Liberdade: A Ética Bíblica a partir dos Dez Mandamentos**. Tradução de Denise Meister. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2000. p. 122.

KNIGHT, George R.. **Adventismo [livro eletrônico]**: origem e impacto do movimento milerita. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016. Tradução de: Marcelo Costa Dias.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2003. Tradução de: Degmar Ribas Júnior.

LOPES, Edson Pereira. Escatologia e Milenarismo na História da Igreja Cristã. **Ciências da Religião: História e Sociedade**, [s. l], v. 9, n. 1, p. 46-73, 06 set. 2011. Disponível em:
<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/3294/2951>. Acesso em: 27 fev. 2024.

LYON, Irineu de. **Contra as Heresias: Livros IV e V**. Tradução de Eliseu Fernandes. 1. ed. Vol. 7, Coleção A Patrística. São Paulo: Fonte Editorial, 2021. p. 341-343.

MALHEIROS, Isaac. **Dicta Probandia: Uma reflexão sobre o uso de textos-prova na hermenêutica adventista**. [s.l.], 2014. Disponível em:
<https://adventista.emnuvens.com.br/hermeneutica/article/view/495/443>. Acesso em: 7 jun. 2024.

MARTINS, José Soares; CAMEIRA, Miguel. **Fenómenos cognitivos subjacentes ao milenarismo: Quando uma profecia falha**. Porto: UFP, 2004. Disponível em:
<https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1773>. Acesso em: 7 jun. 2024.

MÁRTIR, Justino. **Diálogo com o Judeu Trifão**. Tradução de Brian Kibuuka. 1. ed. Vol. 8, Coleção A Patrística. São Paulo: Fonte Editorial, 2021. p. 191-193.

MILLER, Stephen M. **Guia Completo das Profecias Bíblicas**. Niterói, RJ: BV Films, 2010.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**: estudo sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2023. Tradução: Helmuth Alfredo Simon

PARKS, Jessica. Reformadores Radicais Divergem do Magistério Protestante. In: **CARTER, Zachariah** (org.). **Temas da História da Igreja**. Bellingham, WA: Faithlife, 2022.

SPROUL, R. C. **Somos Todos Teólogos: Uma Introdução à Teologia Sistemática**. Organização de Tiago J. Santos Filho. Tradução de Francisco Wellington Ferreira. 1. ed. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2017. p. 442-444.

TRAVIS, S. H. Escatologia. In: **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2011. p. 342.